

Polifonia, implícito e valores argumentativos no ensino médio

Polyphony, implicit and argumentative values in high school

Bismarck Zanco de Moura

Doutorando em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Docente Substituto de Língua Portuguesa, Programa de Letras Vernáculas da UFRJ

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9370557432487651>

E-mail: dezanco@hotmail.com

Tiago Vieira de Souza

Doutorando em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Docente EBTT do Instituto Federal do Rio de Janeiro, IFRJ - Campus Paracambi

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7137-6648>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4545933702465739>

E-mail: tiago.souza@ifrj.edu.br

Resumo

A produção de texto tem sido um dos grandes gargalos na vida acadêmica dos discentes em geral, especialmente diante de um cenário de pouco incentivo à leitura. Nesse contexto, sobretudo, esse problema é bastante evidente no Ensino Médio, período em que muitos alunos começam a pensar mais seriamente no acesso a um curso superior, seja via vestibulares, seja via ENEM. Diante disso, uma das barreiras a serem vencidas é a prova de redação, uma vez que ela faz parte dos processos classificatórios para que o aluno ingresse no ensino superior. Portanto, o presente artigo tem como justificativa a importância de preparar os discentes em relação aos pressupostos envolvidos na tipologia textual dissertativa-argumentativa além do gênero textual redação de vestibular (dissertação escolar). Entende-se a argumentação como um ato de relacionar ideias destinado à defesa de um ponto de vista com que se pretende convencer um interlocutor. Com uma argumentação, busca-se persuadir alguém a respeito de uma ideia. Argumentar consiste em utilizar justificativas convincentes acerca de uma tese. Em textos argumentativos, existe um raciocínio em que hipóteses são apresentadas e justificadas com base em argumentos e entre esses ocorrem relações lógicas. Com este trabalho, conclui-se a importância de se trabalhar a diversidade de recursos argumentativos na produção e na leitura de textos no ensino básico, para que, enfim, os alunos entendam que a argumentação está na base de todo discurso produzido na interação social. Como recursos argumentativos são apresentados, neste artigo, a polifonia, o implícito e os valores argumentativos.

Palavras-chave: Polifonia. Argumentação. Valores argumentativos. Ensino.

Abstract

The production of text has been one of the major challenges in the academic life of students in general, especially in a scenario with little encouragement for reading. In this context, this issue is particularly evident in high school, a period when many students begin to seriously consider access to higher education, either through entrance exams or through ENEM. In view of this, one of the barriers to be overcome is the essay test, as it is part of the selection process for students to enter higher education. Therefore, this article is justified by the importance of preparing students in relation to the assumptions involved in the expository-argumentative textual typology, as well as the genre of college entrance essay (school essay). Argumentation is understood as an act of relating ideas aimed at defending a point of view that one intends to convince an interlocutor. With argumentation, one seeks to persuade someone about an idea. Arguing consists of using convincing justifications about a thesis. In argumentative texts, there is a reasoning in which hypotheses are presented and justified based on arguments, and logical relationships occur among them. With this work, it is concluded that it is important to work on the diversity of argumentative resources in the production and reading of texts in basic education so that students understand that argumentation is at the foundation of all discourse produced in social interaction. As argumentative resources are presented in this article, polyphony, implicitness, and argumentative values are included.

Keywords: Polyphony. Argumentation. Argumentative values. Teaching.

Data de submissão: 16/11/2023 | Data de aprovação: 09/04/2024

INTRODUÇÃO

Entende-se a argumentação como um ato de relacionar ideias destinado à defesa de um ponto de vista com que se pretende convencer um interlocutor. Com uma argumentação, busca-se persuadir alguém a respeito de uma ideia. Argumentar consiste em utilizar justificativas convincentes acerca de uma tese. Em textos argumentativos, existe um raciocínio em que hipóteses são apresentadas e justificadas com base em argumentos e entre esses ocorrem relações lógicas. É oportuno o comentário de Amossy:

Para agir por meio de seu discurso, o orador deve se adaptar àquele ou àqueles ao(s) qual(is) se dirige: "...se quiser agir, o orador é obrigado a adaptar-se a seu auditório". Por orador, Perelman entende, indiferentemente, tanto aquele que pronuncia o discurso quanto aquele que o escreve. Por auditório, compreende de maneira ampla "o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação". O orador tenta influenciar as escolhas e desencadear uma ação ou, pelo menos, criar uma disposição para a ação suscetível de se manifestar no momento oportuno. Isso só pode ser feito se ele levar em consideração crenças, valores, opiniões daqueles que o escutam (Amossy, 2018, p. 21).

Artigos de opinião são um gênero textual, prototipicamente, estruturado no modo argumentativo, e o texto **"É preciso humanizar a sustentabilidade no Brasil"**¹, que se analisa nesta pesquisa, contém características desse gênero, dentre as quais se podem mencionar palavras de valor abstrato ("humanizar", "descriminalizada" e "questiona"), tese (promoção de sustentabilidade não só no meio ambiente, mas também entre os seres humanos), argumentos (200 ocorrências de assassinatos de homossexuais mostram ser fundamental uma sustentabilidade mais humanizada), relações lógicas (como a de contraste em "Mas, muitas vezes, esse viés é deixado de lado" e tempos verbais do presente (como o presente do indicativo "se questiona").

Com relação às condições de produção, artigos de opinião são textos cuja característica central é a apresentação da opinião de alguém sobre questões relevantes de áreas como política, sociedade ou mesmo cultura. São textos comuns em jornais, portais de notícias da internet e revistas; seu público-alvo, geralmente, são leitores que gozam das mesmas opiniões. O propósito comunicativo desses textos é o de ter uma estrutura propensa à posição defendida, além de marcas de primeira pessoa verbal e pronominal, em virtude do caráter subjetivo.

O objetivo principal desta pesquisa é oferecer ao professor de língua portuguesa uma nova possibilidade de abordagem do tema argumentação. Têm-se como problemas gerais desta pesquisa os seguintes: Como abordar os recursos argumentativos na escola? Em que medida a linguística teórica pode colaborar com o enriquecimento do repertório de estratégias argumentativas do estudante da educação básica?

¹ Texto escrito por Leonor Sá Machado, publicado na **Gazeta do Povo** em 24 abr. 2015. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/e-preciso-humanizar-a-sustentabilidade-no-brasil-6n63yn7belqoq9f9cz3v6ahx7/>.

Quando se trata da abordagem da argumentação na escola, muitos alunos e, até mesmo alguns professores, chegam à conclusão de que se está tratando do gênero redação do Enem. No entanto, como afirma Fiorin em seu livro *Argumentação*: “A vida em sociedade trouxe para os seres humanos um aprendizado extremamente importante: não se poderia resolver todas as questões pela força, era preciso usar a palavra para persuadir os outros a fazer alguma coisa” (Fiorin, 2018, p. 9).

Com base nisso, entende-se que noção de argumentação vai muito além da abordada em muitas aulas de Língua Portuguesa e, por isso, pretende-se, com essa investigação, reforçar a importância de se trabalhar o tema em sala de aula, mostrando que a base de todo e qualquer discurso tem dimensão argumentativa. Desse modo, intenta-se abordar o tema Argumentação no Ensino Médio de uma forma que os alunos entendam que essa é uma “característica básica do discurso” (Fiorin, 2018, p. 9).

Assim, compreenderão que o estudo da argumentação pode ser muito mais aprofundado, com estratégias argumentativas, intencionalidades, valores/lugares argumentativos etc. e não somente com uma aula composta apenas de dicas aleatórias. Algumas dessas estão até relacionadas às teorias linguísticas e destinadas a diversas situações do convívio social em que é necessário argumentar, o que não se restringe a um único contexto de uso, o de escrita da redação de vestibular ou do ENEM, como acaba por acontecer.

Traçam-se as seguintes hipóteses norteadoras deste trabalho (i) é possível realizar na educação básica um trabalho com argumentação que se desenvolve a partir da teoria de lugar/valor argumentativo; (ii) o reconhecimento de implícitos pelo aluno, através de exercícios, amplia o seu repertório de estratégias argumentativas; (iii) Os alunos compreenderão, na leitura, a polifonia e o implícito como recursos argumentativos e, na escrita, como fundamentais para a tessitura textual.

Além desta introdução, este trabalho estrutura-se em “Fundamentação teórica”, em que são apresentadas as teorias sobre polifonia, implícitos e valores argumentativos. Após a fundamentação, a “Metodologia” explica qual é e porque foi selecionado o texto analisado. Em seguida, a seção de “Análise do artigo de opinião” demonstra como os recursos linguísticos aqui focalizados são usados para argumentar. Posteriormente, é apresentada, para o texto, uma proposta de aplicação didática. Por fim, este artigo é encerrado com as “Considerações finais”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao tratar de polifonia, Angelim (2003) defende que esse mecanismo representa uma “multiplicidade de sujeitos responsáveis pelo ponto de vista das falas, em um texto” (Angelim, 2003, p. 15). Dessa forma, a autora reconhece que a polifonia está completamente relacionada à interação social do homem, ou seja, em um ato de fala, a pessoa transmite ecos de outras vozes assimiladas no “fenômeno da aculturação” ao longo de sua vida (Angelim, 2003, p. 15).

Reconhecida como recurso estratégico, a polifonia pode ser encontrada em textos argumentativos por meio de algumas marcas linguísticas, entre as quais se podem mencionar: verbo no pretérito imperfeito, frases na voz passiva, verbos *dicendi*, modalização, uso da partícula indeterminadora do sujeito, discurso indireto, nominalização de fatos, restrição (Angelim 2003, p. 15).

A título de exemplificação, Gouvêa (2001) investiga os conectores concessivos e adversativos com base na semântica argumentativa. Dessa forma, a autora refere-se à polifonia para explicar que, em um enunciado “p mas q”, colocam-se em evidência dois enunciadores - E1 e E2 - que argumentam em sentidos opostos. Então, nesse contexto, ao dizer o enunciado como um todo, o sujeito falante apresenta não somente o seu ponto de vista, mas também o ponto de vista de outro que, segundo a autora, pode ser “o alocutário, um terceiro, ou a voz pública (o senso comum)” (Gouvêa, 2001, p. 237).

Para o melhor entendimento do conceito de polifonia e sua conexão com a argumentação, pode-se, ainda, citar Ducrot (1987). Barbisan e Teixeira (2002), em seu artigo *Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot*, fazem uma revisão do livro que apresenta a série de conferências que Ducrot pronunciou em Cali, na Colômbia. Nesse contexto em questão, Ducrot continuou a defender a ideia de polifonia como um desdobramento enunciativo no interior do próprio enunciado e, também, o fato de o sujeito falante poder ter várias funções, sendo elas a de sujeito empírico, a de locutor e a de enunciativo. No entanto, o autor avança em alguns aspectos na teorização de polifonia, como: “a apresentação dos pontos de vista dos diferentes enunciadores presentes no enunciado” e “a indicação da posição do locutor em relação a esses enunciadores” (Ducrot 1988, *apud* Barbisan; Teixeira, 2002, p. 170).

Nesse sentido, têm-se a relação entre polifonia e a noção de *topos* (lugar comum argumentativo) e, com isso, existem três possíveis posições que podem ser ocupadas pelo locutor em relação aos enunciadores: “aquela em que o locutor se identifica com um dos enunciadores”, “aquela em que ele o aprova” e “aquela em que há oposição entre o locutor e enunciativo” (Ducrot 1988, *apud* Barbisan; Teixeira, 2002, p. 170).

Em relação ao conceito de implícito, referimo-nos ao que é discutido em Angelim (2003). A autora contrasta as noções de implícito propostas por Dominique Maingueneau e por Catherine Kerbrat-Orecchioni, todavia, neste artigo, abordaremos a visão desta. Entende-se por implícito todo conteúdo que não está de forma explícita no texto. Dessa forma, Kerbrat-Orecchioni (1986, *apud* Angelim, 2003) defende que não há marcas de implícito, mas é sempre possível “acessá-lo” por meio de ancoragens textuais, que funcionam como pistas textuais. Essa ancoragem textual é classificada de duas maneiras diferentes pela autora: i) suportes significantes, caso se trate de pressupostos (aquilo que está implícito, mas que é reconhecido por evidências linguísticas); ii) índices, caso se trate de subentendidos (os implícitos que são reconhecidos pelo contexto).

Nesse sentido, Kerbrat-Orecchioni (1986 *apud* Angelim, 2003) defende que essa ancoragem textual pode ocorrer de três formas, são elas: cotextual (base no todo verbal explicitado, ou seja, percebem-se os implícitos pelas marcas linguísticas); paratextual (base

fora do texto, como prosódia e gesto, por exemplo) e contextual (base na situação, conhecimento de mundo, competência enciclopédica).

Assim, de forma resumida, pode-se concluir que o conteúdo textual pode ser apresentado de forma explícita ou por meio de inferências necessárias para se alcançar os implícitos (que são subdivididos em pressupostos e subentendidos). A seguir, é descrita a teoria dos valores argumentativos também usada na análise do artigo aqui focalizado.

Com a Retórica clássica, foi proposta a teoria dos lugares argumentativos, que funcionavam para os gregos como recursos à persuasão, ao convencimento do outro. Gavazzi e Eduardo (2007) afirmam que a adesão do outro é fundamental ao processo de convencimento, isto é, de levar o outro a fazer algo ou pensar da forma como o argumentador pensa. E os lugares argumentativos, então, correspondem a proposições que auxiliam nesse processo de sedução do interlocutor. Pissurno e Saraiva acrescentam que

A pessoa que argumenta teria diferentes “lugares” disponíveis para sua argumentação, que são “premissas de ordem geral utilizadas para reforçar a adesão a determinados valores” (Abreu, 2004, p. 35). Em outras palavras, os lugares justificam as escolhas do argumentador, como um arsenal sobre o qual ele se apoia para fundamentar sua tese principal e, assim, convencer o outro de que sua opinião é relevante e deve ser aceita (Pissurno; Saraiva, 2019, p. 224).

Existem seis lugares argumentativos que o argumentador pode evocar no processo de conquistar seu auditório. Assim, para que haja convencimento e concordância de posições, um escritor ou falante pode valer-se dos seguintes valores: (1) valor da quantidade; (2) valor da qualidade; (3) valor da ordem; (4) valor do existente; (5) valor de pessoa e (6) valor da essência. A seguir, com base nos autores que servem a essa fundamentação teórica (Gavazzi; Eduardo, 2007; Pissurno; Saraiva, 2019), são descritos cada um desses seis valores argumentativos.

- **Valor da quantidade**

Esse valor argumentativo parte da ideia de que uma quantidade maior é melhor do que uma quantidade menor. Faz-se aqui uso de uma informação de natureza semântica numérica para convencimento do outro.

- **Valor da qualidade**

É um valor que focaliza as qualidades de um item do universo, seja um produto ou mesmo uma pessoa. Essas qualidades são identificadas como diferenciais e únicas.

- **Valor da ordem**

O valor da ordem dá ênfase ao que vem antes, ao que vem primeiro, ao que antecede.

- **Valor do existente**

Este valor afirma que a superioridade do que existe é possível em detrimento do que não é real ou impossível.

- **Valor de pessoa**

É um valor que se argumenta a partir do destaque do ser humano. Trata-se de uma forma de argumentar que mostra ser o homem importante.

- **Valor da essência**

O valor argumentativo de essência convence o outro a partir do uso de uma figura humana com destaque de representatividade social.

METODOLOGIA

O texto “É preciso humanizar a sustentabilidade no Brasil” foi escrito por Leonor Sá Machado, uma CEO da *The Bridge Global*, empresa Africana com sede em Angola, especializada na criação, desenvolvimento e implementação de projetos de Educação para a Cidadania. Em seus textos, a autora costuma tratar de questões sociais, como sustentabilidade humanizada, responsabilidade social, violência doméstica, refugiados em Angola, entre outros temas.

Este artigo de opinião foi retirado do site *Gazeta do Povo*, acessado em 05 de novembro de 2020. A seleção desse texto justifica-se porque, através dele, é possível trabalhar, com alunos de Ensino Médio, importantes estratégias argumentativas. Ademais, o tema discutido no artigo em questão é de grande importância para um debate e reflexão sobre responsabilidade social. Na pesquisa aqui realizada, foram detectados os recursos polifônicos, implícitos e valores argumentativos que colaboram com a construção de sua argumentação, em seguida, foram propostas perguntas para alunos de ensino médio com base nesses caminhos do argumentar.

ANÁLISE DO ARTIGO DE OPINIÃO

É preciso humanizar a sustentabilidade no Brasil

Por Leonor Sá Machado
24/04/2015 10:47

Desgaste e banalização. Infelizmente cada vez mais esses substantivos nos remetem ao que está sendo feito com a tão necessária sustentabilidade. Governos, empresas e pessoas falam sobre “ser sustentável”, “desenvolvimento sustentável” e uma série de expressões que derivam do termo original, limitando-o principalmente a ações – por vezes simplistas – de cunho ambiental.

Não se questiona aqui a importância de se investir no meio ambiente, que é vital para a nossa sobrevivência. Mas tão importante quanto minimizar os efeitos do aquecimento global, reflorestar áreas desmatadas ou promover o uso consciente da água é enfrentar diversos outros problemas como o racismo, a busca pela igualdade de gêneros, a violência

contra a mulher, os abusos de menores, a homofobia, a fome e demais entraves que estão “diante dos olhos” da sociedade, embora esta pareça não querer vê-los. Sim, a sustentabilidade também é feita de pessoas, de seres humanos. Mas, muitas vezes, esse viés é deixado de lado.

Felizmente, sempre haverá vozes que soarão como verdadeiros gritos para chamar a atenção de todos para essas questões. E elas podem vir de onde menos se espera. A última entrega do Oscar, por exemplo, foi marcada por discursos de teor político e social, feitos por artistas de quem, talvez, se esperasse apenas um “obrigado” pela estatueta e, no máximo, uma piadinha para descontrair. Um dos destaques foi a fala da atriz Patricia Arquette, que ao receber o Oscar por sua atuação em *Boyhood* fez um apelo pela igualdade salarial entre homens e mulheres nos Estados Unidos.

Se na maior nação do mundo homens ainda ganham mais que as mulheres, mesmo quando ambos possuem formação e experiência semelhantes, o que se pode esperar da situação feminina em países em desenvolvimento. Uma pesquisa do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) mostra que, no Brasil, profissionais do sexo masculino recebem 30% mais que suas colegas. A diferença é superior à registrada nos demais países latino-americanos, onde a disparidade salarial entre gêneros é de 17%.

Outros dados reforçam a urgência de humanizar as ações de sustentabilidade. Um estudo feito pelos Institutos Data Popular e Patrícia Galvão revelou que 54% dos brasileiros conhecem mulheres que sofreram algum tipo de violência, praticada, principalmente, dentro de casa: é aí que ocorrem 70% dos casos. Ainda descriminalizada no Brasil, a homofobia resultou em mais de 200 assassinatos ao longo de 2014, conforme números do Grupo Gay da Bahia, organização que procura suprir a falta de estatísticas oficiais sobre esse tipo de crime no país.

Numa sociedade como a brasileira, com obstáculos que ainda precisam ser superados, a contribuição de empresas privadas torna-se a principal fonte para o desenvolvimento de ações sustentáveis que tenham foco no ser humano, objetivando que projetos de responsabilidade social sejam, de fato, implementados. As possibilidades são diversas e as empresas podem, inclusive, envolver o poder público e outras instituições em verdadeiras pontes para o bem das pessoas e das comunidades.

O desafio está lançado. Sem descuidar do meio ambiente, é preciso começar a construir, o quanto antes, o conceito de uma sustentabilidade mais humanizada. Assim, as futuras gerações terão mais facilidade para associá-lo ao conjunto de iniciativas que melhoram a vida das pessoas e, conseqüentemente, fazem do mundo um lugar melhor para viver.

Em relação ao recurso da polifonia, no primeiro parágrafo, é possível encontrá-lo já nos substantivos iniciais “desgaste e banalização” (nominalização de ações), atribuídos às opiniões das pessoas que concordam ser essa uma realidade que, “infelizmente” (modalização na primeira linha do texto), está ocorrendo “com a tão necessária sustentabilidade”. As marcas linguísticas de modalização (“infelizmente” e “tão necessárias”) são usadas com a finalidade de endossar o que está sendo exposto pela autora do texto. Ainda no primeiro parágrafo, Leonor Sá Machado reporta a fala de governos, empresas e pessoas quando tratam do tema “sustentabilidade”. Nesse ponto, o intuito é, também, endossar a importância da ampliação do sentido atribuído à palavra sustentabilidade.

No segundo parágrafo, ao afirmar “não se questiona aqui a importância de se investir no meio ambiente”, a autora reconhece a fala de outrem que defende ser preciso investir em questões ambientais. Nesse contexto, encontra-se um endosso da fala de Machado, que concorda com o investimento no meio ambiente, mas defende que a sustentabilidade deve estar relacionada a questões sociais como o racismo, a desigualdade de gêneros, a violência contra a mulher, os abusos de menores, a homofobia, a fome etc.

Um pouco mais adiante, no final do segundo parágrafo, a autora chama esses problemas sociais aqui citados de “entraves que estão ‘diante dos olhos’ da sociedade” e, logo em seguida, apresenta a conjunção “embora”, que pode sinalizar o recurso da polifonia por meio de uma restrição. Em outras palavras, o uso da oração subordinada concessiva (introduzida pelo “embora”) apresenta um contraste entre dois pontos de vistas diferentes: a voz daqueles que não enxergam os demais problemas sociais, mas também daqueles que reconhecem e lutam contra esses problemas.

A partir do terceiro parágrafo, a autora comenta sobre outras vozes que surgem nesse contexto e apresenta alguns exemplos de polifonia com o intuito de trazer credibilidade e endosso à sua própria opinião. Dessa forma, na sequência do terceiro, do quarto e do quinto parágrafos, é possível encontrar exemplos de discurso indireto e verbos *dicendi* (verbos de elocução) e expressões conformativas que acabam por evidenciar a ocorrência de polifonia no texto em questão.

O discurso indireto acontece por meio de paráfrases produzidas pela autora quando cita a atriz Patricia Arquette (terceiro parágrafo), uma pesquisa realizada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (quarto parágrafo) e um estudo feito pelos Institutos Data Popular e Patrícia Galvão (quinto parágrafo). Já em relação aos verbos *dicendi* e às expressões conformativas, ambos são associados ao discurso indireto nos terceiro, quarto e quinto parágrafos para reportar outras vozes no texto. São eles: “fez um apelo” (terceiro parágrafo), “mostra” (quarto parágrafo), “revelou” e “conforme” (quinto parágrafo).

Em relação ao recurso argumentativo do implícito (pressupostos e subentendidos), selecionam-se algumas ocorrências no texto em análise. No primeiro parágrafo, no período “Infelizmente cada vez mais esses substantivos nos remetem ao que está sendo feito com a tão necessária sustentabilidade”, pressupõe-se um acontecimento desagradável. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1986 *apud* Angelim, 2003), esse seria um exemplo de suporte significativo de natureza cotextual, ou seja, a pressuposição é feita com base no material linguístico. Ainda no mesmo período do primeiro parágrafo, existe outro suporte significativo, mas agora de natureza contextual. Isso ocorre quando a autora explicita “a tão necessária sustentabilidade”, pois, por mais que essa seja uma informação já dada por ela, o leitor infere, pelo conhecimento de mundo, que a prática de ações sustentáveis é realmente necessária. Essa análise pode ser confirmada com base no que é defendido por Ducrot quando afirma que

[...] o *posto* é o que afirmo enquanto locutor, o subentendido é o que deixo meu ouvinte concluir, enquanto o pressuposto é o que apresento como pertencendo ao domínio comum das duas personagens do diálogo, como objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato de comunicação (Ducrot, 1987, p.20).

Um pouco mais adiante, ainda no segundo parágrafo, encontra-se um subentendido, por meio da ironia presente na crítica feita pela autora, quando afirma que existem “entraves” nos olhos da sociedade, “embora esta pareça não querer vê-los”. Nesse caso, a gênese é o conhecimento ativado, o fato de essa parcela da sociedade não querer reconhecer os problemas sociais.

No terceiro parágrafo, Machado cita a “última entrega do Oscar”; o que pode ser considerado um marcador de pressuposição, ou seja, um suporte significativo de natureza cotextual, em que, pela evidência linguística do vocábulo “última”, se pressupõe que já houve outros eventos como esse. Além disso, o leitor também ativa o seu conhecimento de mundo para pressupor e confirmar que, realmente, já existiram outras edições do evento (natureza contextual).

Outra observação a ser feita, ainda nesta parte, é quanto à referência da autora aos discursos dos artistas premiados e ao fato que, deles, talvez, “se esperasse apenas um ‘obrigado’ pela estatueta e, no máximo, uma piadinha para descontraí-los”. Nessa parte do texto, encontra-se um exemplo de suporte significativo (pressuposição) de natureza contextual – ou seja, relativo ao conhecimento de mundo dos leitores em relação aos artistas premiados: talvez os espectadores tenham ficado surpresos, pois não esperavam um discurso mais politizado e que refletisse questões sociais.

No quarto parágrafo, quando o leitor encontra o questionamento “se na maior nação do mundo homens ainda ganham mais que as mulheres, mesmo quando ambos possuem formação e experiência semelhantes, o que se pode esperar da situação feminina em países em desenvolvimento”, subentende-se que, em países em desenvolvimento, o salário das mulheres é menor se comparado ao salário de homens com as mesmas funções e experiências. Esse subentendido ocorre por meio do índice de natureza cotextual, ou seja, pela oposição estabelecida entre os Estados Unidos (país de primeiro mundo) e países em desenvolvimento. Ademais, o índice também pode ser considerado de natureza contextual, pois o leitor ativa o seu conhecimento de mundo para, então, responder à indagação feita. Dessa forma, a gênese desse subentendido é o conhecimento ativado.

No quinto parágrafo, ao abordar a questão da violência contra a mulher, a autora cita um estudo dos Institutos Data Popular e Patrícia Galvão que concluiu que “54% dos brasileiros conhecem mulheres que sofreram algum tipo de violência, praticada, principalmente, dentro de casa”. Nessa citação, o advérbio “principalmente” deixa o leitor pressupor que existem outros ambientes onde as mulheres podem sofrer algum tipo de violência. Nesse caso, tem-se um suporte de natureza cotextual (a análise é feita com base no material linguístico).

Em relação ao último parágrafo, quando a autora reforça a importância de se começar a construir o conceito de uma sustentabilidade mais humanizada, encontram-se marcadores de pressuposição quando se lê “assim, as futuras gerações terão mais facilidade para associá-lo ao conjunto de iniciativas que melhoram a vida das pessoas (...)”. Nessa citação, o leitor pode pressupor, tanto com base nas evidências linguísticas (o verbo “terão” como suporte significativo cotextual) quanto no conhecimento de mundo (suporte significativo contextual),

que a geração atual ainda não experimentou, em totalidade, o que seria essa sustentabilidade humanizada.

Com as partes selecionadas para a análise dos implícitos e da polifonia, percebe-se a importância de o leitor estar em constante processo de inferência na prática da leitura de textos, para, então, perceber e alcançar toda a mensagem que está sendo transmitida até mesmo nas entrelinhas. A seguir, são apontados os valores argumentativos presentes no artigo e esses são explicados em favor da tese da autora.

Em “Desgaste e banalização. Infelizmente cada vez mais esses substantivos nos remetem ao que está sendo feito com a tão necessária sustentabilidade”, no início do texto, ocorre o valor da qualidade, entretanto, este se manifesta a partir da desqualificação, como é revelado pelo emprego de “Desgaste e banalização”, cujos sentidos mostram o estado atual da sustentabilidade, que se defende como tese. Entretanto, em “Não se questiona aqui a importância de se investir no meio ambiente, que é vital para a nossa sobrevivência”, o valor de qualidade manifesta-se no reconhecimento do meio ambiente como vital. Nessa passagem, há, ainda, o valor de pessoa, uma vez que destaca o ser humano ao mostrar ser o meio ambiente vital para a sobrevivência do homem.

O valor argumentativo de pessoa também está presente, ainda, em “o racismo, a busca pela igualdade de gêneros, a violência contra a mulher, os abusos de menores, a homofobia, a fome e demais entraves que estão “diante dos olhos” da sociedade, embora esta pareça não querer vê-los. Sim, a sustentabilidade também é feita de pessoas, de seres humanos”; em “54% dos brasileiros conhecem mulheres que sofreram algum tipo de violência” e em “Assim, as futuras gerações terão mais facilidade para associá-lo ao conjunto de iniciativas que melhoram a vida das pessoas”, porque todas valorizam pessoas. O segundo exemplo destaca as pessoas do sexo feminino, as mulheres, apresentando o valor argumentativo da quantidade.

A expressão percentual “54%” prova a necessidade de investir em sustentabilidade humana, ao mostrar um índice elevado de brasileiros conhecedores do crime de feminicídio. Também, nesse sentido, são os números em “profissionais do sexo masculino recebem 30% mais que suas colegas”; “a disparidade salarial entre gêneros é de 17%”, “mulheres que sofreram algum tipo de violência, praticada, principalmente, dentro de casa: é aí que ocorrem 70% dos casos. Ainda descriminalizada no Brasil, a homofobia resultou em mais de 200 assassinatos ao longo de 2014”. O emprego das expressões numéricas 30%, 17%, 70% e 200, associadas a diferenças salariais, agressões domésticas a mulheres e mortes de homossexuais revela a validade da tese assumida nesse artigo de opinião. Nessas passagens, há novamente uma combinação dos valores argumentativos de quantidade e pessoa.

Também combinado ao valor de pessoa, está o valor existente em “Se na maior nação do mundo homens ainda ganham mais que as mulheres, mesmo quando ambos possuem formação e experiência semelhantes, o que se pode esperar da situação feminina em países em desenvolvimento”. Esse tipo de valor ocorre tendo em vista ser a situação dos Estados Unidos real. O fato de haver essa condição no mais importante país do mundo confirma a tese aqui estabelecida. Há, ainda, no sentido de orientar o leitor em favor da posição defendida

pela autora, o valor da essência na passagem “Um dos destaques foi a fala da atriz Patricia Arquette, que ao receber o Oscar por sua atuação em *Boyhood* fez um apelo pela igualdade salarial entre homens e mulheres nos Estados Unidos”, uma vez que a atriz, como representante, tem valor superior; portanto, o que ela diz ganha relevância.

PROPOSTAS DE APLICAÇÃO DIDÁTICA

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, é imprescindível que o professor promova oportunidades para que o aluno reflita sobre o uso da língua materna na sociedade. Nesse contexto, é importante que o aluno perceba que a argumentação é algo basilar na interação social e, como já foi dito aqui, que todo discurso apresenta uma dimensão argumentativa.

A **BNCC - Base Nacional Comum Curricular** (Brasil, 2017), documento que reorienta o ensino na educação básica, estabelece algumas competências gerais a serem desenvolvidas pelos alunos no processo de aprendizagem. Segundo esse documento, competência é definida como “[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (Brasil, 2017, p. 8).

Dentre as competências gerais estabelecidas pela BNCC, ressalta-se a da argumentação que, independentemente da etapa da educação básica (Educação infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) e da disciplina ministrada, deve estar presente no processo de ensino-aprendizagem a fim de promover a “construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, nos termos da LDB” (Brasil, 2017, p. 9). Com relação à competência geral da argumentação, o documento afirma que

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (Brasil, 2017, p.9).

Além dessa competência geral, destacam-se, a seguir, algumas das habilidades específicas da área de Linguagens, conforme a BNCC, que serão desenvolvidas na atividade proposta nesta seção:

(EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões manifestados, para negociar e sustentar posições, formular propostas, e intervir e tomar decisões democraticamente sustentadas, que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global.

(EM13LP05) Analisar, em textos argumentativos, os posicionamentos assumidos, os movimentos argumentativos e os argumentos utilizados para sustentá-los, para avaliar sua força e eficácia, e posicionar-se diante da questão discutida e/ou dos argumentos utilizados, recorrendo aos mecanismos linguísticos necessários.

(EM13LP10) Selecionar informações, dados e argumentos em fontes confiáveis, impressas e digitais, e utilizá-los de forma referenciada, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum) e contemple a sustentação das posições defendidas.

Tais habilidades foram selecionadas para possibilitar “uma participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso das linguagens” (Brasil, 2017, p. 481). Abaixo, propõem-se algumas questões a serem aplicadas em turmas do Ensino Médio sobre o tema que foi discutido até aqui.

Questões:

1) O artigo de opinião é um gênero em que se defende um posicionamento frente a um tema. Como todo texto de tipologia argumentativa, o artigo “É preciso humanizar a sustentabilidade no Brasil” visa conseguir a adesão do leitor.

- a) Qual é o tema discutido no artigo?
- b) Qual é o posicionamento da autora? Para confirmar, escolha uma parte do texto que exemplifique esse posicionamento de forma evidente.

2) Como estudado em aula, para se argumentar a favor de algo, pode-se recorrer a alguns mecanismos, como a polifonia e o implícito.

- a) Transcreva um exemplo de polifonia encontrado no texto.
- b) Explique por que o exemplo selecionado pode ser considerado polifonia.
- c) De que forma o uso da polifonia ajuda a comprovar a opinião da autora do texto?
- d) Encontre, no artigo, algum exemplo de informação implícita (pressupostos ou subentendidos) e discorra sobre a importância desse mecanismo como recurso argumentativo.

3) Retire do texto uma passagem que revela desvalorização de um ser humano. Explique, com suas palavras, por qual razão temos de nos opor a essa condição.

4) Que posição a autora do texto assume em relação à temática da valorização do ser humano? Retire do texto uma passagem que revela essa postura.

5) Ao longo de todo o texto, ocorrem expressões numéricas, ora percentuais ora não percentuais. Você se assusta com elas? Elas trazem informações estatísticas preocupantes sobre a realidade de pessoas no Brasil e no mundo?

6) O fato de Patricia Arquette ser uma atriz com representatividade valida o que ela afirma sobre diferenças salariais entre homens e mulheres?

7) Pode-se dizer que as expressões numéricas distribuídas ao longo de todo o texto e a fala da artista são fatores que confirmam a tese (ponto de vista) da autora?

A questão 1 pode ser considerada como uma contextualização para o exercício sobre argumentação. Em outras palavras, os alunos terão a oportunidade de perceber, em um artigo de opinião, a tese da autora e os argumentos usados por ela. Observa-se que, nessa questão, os comandos a) e b) não utilizam a nomenclatura “tese” e “argumentos”, porém termos mais amplos: tema e opinião. Com base no tema e na opinião da autora, o aluno terá que buscar partes do texto (argumentos) que dão suporte ao que é defendido por Machado.

Na questão 2, os alunos terão contato com as teorias da polifonia e do implícito. Em relação à polifonia, os alunos perceberão o uso dos verbos *dicendi*, das expressões conformativas e do discurso indireto para que haja a reprodução das diversas vozes no texto. Em relação ao implícito, o aluno buscará, no texto, algum fragmento de pressuposto ou subentendido a fim de mostrar que a leitura de qualquer texto também se dá nas entrelinhas.

As perguntas de 3 e 7 consistem em possibilidades de aplicação da teoria dos lugares argumentativos no ensino médio. As 3 e 4 focalizam os lugares de pessoa; a 5 mostra a utilidade da classe dos numerais, valor da quantidade, para alarmar a população sobre altos índices de crimes, como a homofobia. A resposta à 6 permite ao aluno incluir o valor de essência em seu repertório de estratégias argumentativas. E a última pergunta combina as marcas linguísticas desses valores argumentativos à tese, um elemento central na composição estrutural da argumentação.

Considerações finais

Com este trabalho, conclui-se que é importante trabalhar a diversidade de recursos argumentativos na produção e na leitura de textos no ensino básico, para que, enfim, os alunos entendam que a argumentação está na base de todo discurso produzido na interação social. A partir dessa ideia, foi mostrado que a polifonia e o implícito podem ser utilizados como recursos argumentativos para embasar a visão de todo ser social. Espera-se que os alunos compreendam que todo falante e todo escritor sempre reproduzem outras vozes em seus discursos e que, também, sempre existirão informações implícitas que podem ser alcançadas pelo processo de inferência, processo esse essencial na prática da leitura.

Mostrou-se aqui, também, como a teoria dos valores argumentativos proposta pelos gregos pode ser aplicada em sala de aula, adaptando-se as nomenclaturas para o ensino médio. Espera-se que, por meio de exercícios de reconhecimento dos valores argumentativos, haja ampliação do conjunto de estratégias de que nossos alunos façam uso no dia a dia para influenciar o outro.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- ANGELIM, Regina Célia Cabral. Polifonia e implícito como recursos argumentativos em textos midiáticos. In: PAULIUKONIS, M.A.L.; GAVAZZI, S. *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BARBISAN, Leci Borges; TEIXEIRA, Marlene. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. *Organo*, Porto Alegre, v.12, n.32-33, p. 160-180, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2017.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2018.
- GAVAZZI, Sigrid; EDUARDO, Silvana. Lugares/valores argumentativos no ensino médio. In: PAULIUKONIS, M.A.L.; GAVAZZI, S. (orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. P. 75-89.
- GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Conectores concessivos e adversativos: uma visão discursiva. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 234-240, 2. sem/ 2001.
- PISSURNO, K. C. da S.; SARAIVA, E. S. Uma análise sobre a importância dos lugares argumentativos e das emoções na construção do discurso. *Revista Inventário*, n. 23.2, p. 217-240, jul. 2019.